

13

A CONFIANÇA NOS TEMPOS DA CÓLERA

Tania Rivera

Vou falar um pouco de psicanálise, mas para chegar a algo mais vasto e muito urgente, e que se inscreve no domínio da política – da micro e macropolítica, na Universidade e na clínica, assim como na vida, hoje: a necessidade de repensarmos a lógica que guia os laços sociais ao mesmo tempo em que neles nos (re)posicionamos, assumidamente. Uma palavra me vem de Fernanda Canavêz: confiança. Seria o termo capaz de indicar uma forma de enlaçamento que hoje faria a diferença?

Percebo então que transferência pode ser, em psicanálise, um nome para confiança. A gente *fia* que uma pessoa pode nos escutar e sabe algo sobre nosso inconsciente, ou seja, supomos que ela detém um saber, mas além disso – de modo único e nunca garantido de saída, mas tecido ao longo de um tempo de gestos de corpo e, sobretudo, de palavras – acreditamos que ela tenha cordura ética e disponibilidade afetiva para nos acompanhar.

De maneira complementar mas não simétrica, no lugar do/a analista *confiamos*, também, enquanto fiamos (tecendo fios de palavras) e acreditamos (no sentido do engajamento mais do que da crença prévia, da fé), se me permito levar adiante esse jogo de palavras que é um pouco como as palavras cruzadas que se fazem em cada trabalho clínico. Mais fundamentalmente, porém, devo dizer que no processo de uma análise a gente se torna *fiador/a* daquele trabalho, daquelas palavras, sonhos, lapsos e atos que alguém *nos confia*, quer dizer, nos transmite como algo

precioso, a revelar-se na medida em que nos é endereçado. Trata-se de uma espécie de aposta na qual nos empenhamos, ou seja: emprestamos a nós mesmos/as em compromisso, como um penhor. Isso pressupõe certa confiança, também, no processo analítico e em seu motor fundamental, ao qual Freud chama simplesmente – porém de maneira tão forte! – *amor*. Neste, de fato, deposita-se algo de si em outrem – e neste sentido "amar é mudar a alma de casa"¹, como diz um verso de Mário Quintana, a ecoar a sentença freudiana de que “o eu não é mais senhor em sua própria casa”².

Dispor-se a ser depositário de um pedaço de alguém não é pouco nem banal. Me ocorre a ideia, agora, de que tem a ver com maternidade e também com certa monstruosidade. Emprestar-se a outrem: gesto extremo, louco e belo. Acolher em seu corpo um pedaço de alguém: pele a romper-se, carne a entranhar-se, estranha. O compromisso ético fundamental é, aí, o de não absorver o estranho de modo a fazê-lo inteiramente familiar. Não colonizá-lo, mas sim, ao contrário, deixar-se conduzir por ele. Não ser comandante mas, antes, barco.

Seria possível pensar um modo de enlaçamento social que teria tal (ou tais) estrutura(s) ética(s) e alteritária(s)? Longe da ideia de que a psicanálise se poderia aplicar como modelo para as práticas sociais em geral – justo ela, que se define por um dispositivo tão *sui generis!* –, quero lembrar que ela ativa e explicita um tipo de relação que não deixa de existir em muitas outras formações sociais. A maioria delas limita-se à reafirmação de seu ponto de partida, o da suposição de saber que reafirma a autoridade e impulsiona a sugestão (no domínio da medicina,

¹ Quintana, M. (2005). *Sapato Florido*. São Paulo: Globo, p. 58.

² Freud, S. (1917). *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (Conferências introdutórias sobre psicanálise). *Gesammelte Werke*, v. XI. Londres: Imago, 1944, p. 295 - tradução nossa.

como sabemos, isso segue notório e praticamente imutável desde a época de Freud), mas algumas implicam uma operação de subversão de si em prol da transformação de outrem. Elas são justamente aquelas que Freud aponta como “profissões impossíveis”, ao lado daquela do analista: educar e governar (e devo sublinhar assim Freud liga a psicanálise, de maneira "visceral", digamos, à educação e à política).

Talvez essas três formações sociais convoquem essa lógica alteritária e ética que eu aproximaria também da posição do/a artista como aquele/a que se torna, em sua obra, lugar de subversão, convidando em ato o “espectador” a entrar em um circuito de transformação delirante do mundo. E quiçá tais dispositivos armem estratégias não-fálicas que podem ser associadas a posições quanto ao gênero: aquela(s) das mulheres e aquelas, plurais e dissidentes, que hoje ganham significantes reconhecidos socialmente, finalmente, como não binários, transgêneros etc.

Seja como for, estou convencida de que psicanálise, educação e política estão irremediavelmente entrelaçadas, especialmente na Universidade, e que para fazer jus a isso devemos falar em nome próprio e encarnadamente, em nosso lugar geopolítico e quanto ao gênero, de modo a fazer de nossa singularidade uma potência de questionamento do colonialismo e do falocentrismo hoje colericamente reinantes.